

BULLYING NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS CARACTERÍSTICAS

Monica Valentim da Silva (UNICAMP)

monicavalentim2003@yahoo.com.br

Telma Pileggi Vinha (UNICAMP)

Conflitos interpessoais na instituição educativa: fatores, complexidade, diversidade e manifestações como indisciplina, bullying, violência ou incivilidade

De forma crescente, o bullying vem sendo pauta de debates tanto nas escolas pelos professores e alunos, quanto pelos pais e pela mídia. Esse crescente interesse tem gerado maior conscientização sobre as consequências desse tipo de conflito para os envolvidos e aumento no interesse pelas investigações na busca por compreender suas características e para elaborar medidas de intervenções efetivas. Apesar disso, são poucas e recentes as pesquisas no Brasil que investigam o bullying, principalmente na perspectiva construtivista. Diante desse cenário, o presente trabalho visa realizar uma pesquisa bibliográfica que contemple os estudos realizados sobre o bullying. Para tanto, selecionamos os autores mais relevantes para apresentar uma caracterização sobre o bullying, que se trata de um conflito multifacetado e com características peculiares. Considerando importante diferenciar o bullying de outros tipos de conflitos, de modo que ele não seja confundido com atos de indisciplina, incivilidade ou, simplesmente, “brincadeiras de crianças”. A reflexão e análise sobre o fenômeno são essenciais para a sua identificação e para se almejar propostas de intervenções que favoreçam o desenvolvimento moral dos sujeitos e assim busquem alternativas mais justas e respeitadas para os conflitos vividos.

Palavras-chave: bullying; conflitos; desenvolvimento moral.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, o bullying vem sendo cada vez mais retratado pela mídia, que relata casos mais ruidosos ocorridos entre alunos, gerando grande espanto

¹ Neste trabalho preferimos os termos alvo, autor e espectador para definir os personagens envolvidos em bullying, com a intenção de evitar pré-julgamentos, afinal, todos os envolvidos nesse fenômeno precisam de ajuda e ao se definir uns como vítimas, outros como agressores, corremos o risco de condenar os autores e proteger os alvos.

para a comunidade escolar e para toda sociedade. Esse fenômeno está presente no cotidiano escolar e vem chamando a atenção dos profissionais da educação, dos pais, da sociedade, produzindo um interesse crescente por sua compreensão, favorecendo uma maior conscientização sobre as consequências desse tipo de conflito para os envolvidos e elaboração de medidas de intervenções efetivas. Apesar disso, são poucas e recentes as pesquisas no Brasil que investigam o bullying, principalmente na perspectiva construtivista.

Um exemplo, muito recente de uma ocorrência de bullying divulgado pelos meios de comunicação em massa, foi o caso de um aluno australiano, Casey Heynes, que provocou e ainda está provocando muita polêmica. O aluno é filmado sendo alvo de agressões físicas por parte de outro aluno e além de ser filmado por um espectador, há outras pessoas assistindo a cena e que nada fazem. Cansado de passar por aquela situação humilhante, Casey se rebela e interrompe a ação jogando abruptamente o autor das agressões no chão. Depois que a cena foi exposta na internet, o caso de Casey está sendo conhecido pelo mundo todo e a reação da escola, onde ocorreu o fato, foi a de punir os envolvidos com suspensão. Sendo que a repercussão do fato está muito mais relacionada à atuação do autor e do alvo, pouco se fala da reação dos espectadores da cena (que nada fazem para impedir a agressão, pelo contrário, reforçam a ação) e do papel da escola diante do caso de bullying, pois sua atuação, aparentemente, foi a de somente punir os envolvidos.

O fato está tendo muito repercussão, não somente por ser uma cena chocante de bullying, mas também porque muitos sujeitos reconhecem que passam pelas mesmas situações cotidianamente e não encontram saídas para se livrar das agressões e na maioria dos casos não há quem os ajudem. A família e a escola estão alheias, por desconhecimento, omissão, ou por não saberem como intervir.

O momento atual requer ainda mais uma reflexão sobre o bullying, suas características, os envolvidos, os estudos realizados, o papel da família, da

escola e as formas de intervenção. Pensando que as consequências desses atos podem ser extremas para os envolvidos, podendo chegar ao ponto do desejo de romper com a própria vida. Assim, o objetivo do presente trabalho foi o de realizar uma pesquisa bibliográfica que contemplou estudos sobre o tema, incluindo pesquisadores nacionais e internacionais, para que possamos elucidar melhor esse fenômeno, diferenciando-o de outras formas de conflito, de modo que ele não seja confundido com atos de indisciplina, incivildade ou, simplesmente, “brincadeiras de crianças”. O bullying, por se tratar de um conflito multifacetado e com características peculiares, requer uma reflexão e uma análise ampla para nos auxiliar na sua identificação e pensar possíveis formas de intervenção. Acreditando que a atuação dos educadores é essencial para que sejam feitas ações que diminuam a ocorrência do bullying e interrompam o sofrimento por ele causado. Pensar no papel do educador e da escola é um desafio para aqueles que objetivam propiciar um ambiente sócio-moral favorável ao desenvolvimento de sujeitos que conseguem reconhecer seus sentimentos e os sentimentos alheios e buscar alternativas mais justas e respeitadas nos conflitos vividos.

Muitas pessoas crêem, equivocadamente, que o bullying é mais uma forma de violência proveniente dos tempos pós-modernos. Todavia o bullying não é algo recente. Esse fenômeno sempre existiu. Talvez o que tenha mudado seja o olhar diante desse conflito entre pares, chegando-se à conclusão de que não são somente “brincadeiras” entre crianças e jovens, mas sim atos repetidos e intencionais de intimidação, de agressões físicas, psicológicas e morais, que podem trazer graves consequências aos envolvidos, tanto para os alvos e autores, quanto para os espectadores.

Um fenômeno velho ou novo? Se recorrermos à memória, podemos ter sido vítimas de bullying, até mesmo agressores quando fomos adolescentes ou crianças. Não é um fenômeno novo, visto que muitos de nós passamos por essa situação. Do ponto de vista dos estudos, as investigações da violência na

educação nunca foram tão grandemente elucidadas como hoje, porque as ciências que se interessavam por essa temática eram em grande parte a Antropologia e a própria Filosofia, no tema da moral, ou da Religião. É um estudo recente do ponto de vista da Psicologia, do entendimento de que há uma forma de agressividade que acontece entre iguais, ou seja, não se trata de um conflito entre professor/aluno, entre pai/filho, entre dois sujeitos que estejam em pesos de autoridade diferentes. (TOGNETTA, 2005a, p. 15).

É importante ressaltar que o bullying ocorre entre iguais, como reforçado anteriormente por Tognetta, afinal, entre um adulto e uma criança, por exemplo, existe efetivamente uma assimetria, ou seja, um adulto detém maior poder e autoridade em relação à criança e ao jovem. Já no bullying trata-se de relações entre iguais, porém com um desequilíbrio de poder, físico ou psicológico. Ele não está presente somente nas escolas, podendo ocorrer em qualquer ambiente em que existam as pessoas se relacionem. Porém, são os casos ocorridos principalmente nas escolas que vem chamando a atenção da sociedade.

Os estudos sobre o bullying são recentes, iniciados sistematicamente por volta da década de 70. Dan Olweus, pesquisador norueguês, foi o pioneiro nessas investigações, desenvolvendo os primeiros critérios para caracterizar esse fenômeno. No Brasil, os estudos realizados foram iniciados por Cléo Fante no começo da última década, que têm contribuído para divulgar a abrangência e as consequências do bullying nas escolas. A internet também tem sido um importante veículo de informações sobre o bullying, mas nem sempre os materiais encontrados trazem uma abordagem que contemple uma análise mais precisa sobre o fenômeno.

Os atuais estudos sobre o fenômeno utilizam o termo bullying que é “de origem inglesa, adotado em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão” (FANTE, 2005, p. 27). No Brasil, assim como em outros países, utilizamos termo bullying, pela dificuldade de se encontrar uma expressão que abrangesse o significado

em inglês. Bully, enquanto nome, é traduzido como “valentão”, “tirano”, e como verbo, “brutalizar”, “tiranizar”, “amedrontar”.

Segundo Olweus (2006), um jovem se torna alvo¹ de bullying quando está exposto a ações negativas de forma repetida e durante um período de tempo, podendo ser alvo de um ou vários autores. Essas ações são compreendidas como sendo situações que ferem ou incomodam outrem e são causadas de forma intencional, por exemplo: ameaças, apelidos, agressões físicas e verbais. Caso ocorram somente em um determinado momento, em alguma situação esporádica, não é bullying, pois para tanto, é fundamental que sejam frequentes.

Assim, uma das principais características desse fenômeno é a repetição, ou seja, a criança ou o jovem são alvos de agressões físicas, verbais, psicológicas, sociais, morais, frequentemente, inclusive, em muitos casos, diariamente. Uma segunda característica é a intencionalidade nos atos, de ferir e trazer danos, o autor de bullying tem o desejo de causar prejuízos ao outro, podendo até sentir prazer com o sofrimento alheio. Já uma terceira característica é uma espécie de concordância no alvo sobre o que os autores pensam dele, podemos dizer que o alvo se vê, em muitos casos, da maneira como é julgado pelo autor de bullying, fazendo com que ele tenha ainda mais dificuldade em reagir às agressões. Por fim, a quarta característica é a presença do público ou do espectador (aquele que assiste as agressões sofridas pelo alvo, mas que não se manifesta em defesa dele) que seria o “oxigênio” que mantém viva a “chama”. É por meio do público que autor de bullying mantém sua imagem de valentão, de forte, de temido, precisando ser visto como alguém que detém algum tipo de poder sobre outro (TOGNETTA; VINHA, 2008).

O alvo se torna um “bode expiatório”, podendo ser perseguido em várias situações pelo autor de bullying. Não é uma mera brincadeira esporádica, e sim um tipo de agressão na qual ocorre um desequilíbrio de força, física ou psicológica, em que o alvo de bullying não consegue reagir positivamente às

agressões sofridas. O alvo pode sofrer agressões de um único autor, ou de vários, bem como, um autor pode ter mais de um alvo.

Olweus (2006) faz uma diferenciação entre o bullying direto e indireto. O primeiro pode ser agressões físicas, verbais e o segundo formas de exclusão, isolamento, agressões menos evidentes.

As pesquisas sobre o tema relatam que o bullying, com passar dos anos, tende a diminuir, mas as formas de bullying passam a ser mais “dolorosas”, mais sutis e se utilizam menos da violência física e mais da violência velada.

Segundo Middleton-Moz e Zawadski (2007), o bullying se diferencia de acordo com as diferentes idades. No ensino fundamental caracterizam-se os atos mais físicos e verbais, como, empurrões, ofensas verbais, zombarias, já em idades mais avançadas, o bullying pode se tornar mais sofisticado por meio da utilização de agressões mais indiretas: exclusões, intimidações, difamações, entre outras.

As crianças com 8, 9 anos, com um pensamento pré-lógico, agem com ações mais concretas, por isto, nesta fase, os atos de bullying são mais físicos e não se pensa nas conseqüências dos atos. Já os adolescentes, que têm um pensamento formal, conseguem raciocinar de forma mais abstrata, planejam suas ações e conseqüências, optam mais pela violência velada, por ameaças, agressões verbais, utilizando-se menos das agressões físicas, afinal estas podem chamar mais atenção de adultos e causar possíveis intervenções contra seus atos (TOGNETTA, 2005a).

De acordo com estudos, o bullying é mais praticado pelos meninos do que pelas meninas, sendo que as meninas utilizam mais da violência velada, difamação, exclusão nas ações de bullying. Isso ocorre independente da localização da escola, do tamanho, tanto na rede pública quanto da privada (FANTE 2005; OLWEUS 2006).

PESQUISAS

Olweus (2006) desenvolveu estudos de grande proporção, na década de 80 com o incentivo do governo da Noruega, pôde fazer uma pesquisa de abrangência nacional sobre o bullying. Segundo o autor, na Noruega o bullying já era tema de preocupação dos meios de comunicação e dos pais e professores, até que em 1982 um fato extremo marcou o país. Três crianças entre 10 e 14 anos haviam suicidado, provavelmente, por estarem sofrendo com os danos causados pelo maus tratos constantes dos colegas.

[...] Estes fatos originaram uma considerável tensão e desassossego nos meios de comunicação e no público em geral. Foram a causa de uma cadeia de reações, cujo resultado final foi uma campanha em escala nacional contra os problemas de agressores e vítimas nas escolas de educação primária e secundária (série 1-9) da Noruega, posto em funcionamento pelo Ministério de Educação no outono de 1983. (OLWEUS, 2006, p. 18)².

Tais fatos fizeram com que o país promovesse uma extensa investigação a fim de obter dados e informações sobre o bullying e também propor formas de controle dessa violência. Olweus realizou uma coleta de dados sobre a incidência do bullying em escolas de educação primária e secundária da Noruega, por meio de questionários. A pesquisa abrangeu praticamente um quarto de toda população escolar investigada (84.000 alunos em idades entre 8 e 16 anos), constatando que, de cada sete alunos, um está envolvido com o bullying. O estudo mostrou que aproximadamente 9% dos alunos eram alvos, 7% eram autores e 1,6 alvos-autores de bullying.

Além de Olweus, na Europa podemos destacar estudos posteriores colocados em prática por Avilés na Espanha. Dentre suas pesquisas podemos citar o Estudo de Incidência da Intimidação e Maltrato entre Iguais (2005), feito em centros educacionais da Espanha, estudo este realizado juntamente

² Tradução nossa.

com o pesquisador Monjas. Participaram da pesquisa 496 alunos, entre 12 e 16 anos, de 5 Institutos de Educação Secundária de Valladolid. Entre os dados encontrados, a pesquisa mostra que: 11,6% dos alunos se envolveram em bullying de forma sistemática, sendo 5,7% formada por alvos e 5,9% por autores e 81,6% dos alunos têm conhecimento sobre as agressões (a maioria dos alunos é formada por espectadores de bullying). As agressões mais frequentes sofridas pelos alvos são as verbais e sociais, entre elas, insultos, apelidos, exclusões.

Ainda segunda a pesquisa de Avilés e Monjas (2005), os locais de maior incidência do bullying são aqueles onde há pouca supervisão de adultos, 45% das agressões ocorrem em sala na ausência do professor, 35% nos corredores e 31% no recreio. O bullying não está restrito somente à escola, 38% das agressões, segundo os alunos, ocorrem fora da escola. E mesmo com a presença do adulto, pode-se ocorrer o bullying, sendo que 12% dentro da sala de aula. Nesses casos a agressão ocorre de forma mais indireta, como: insultos, exclusões.

No Brasil, pesquisas realizadas por Fante, constataram que o bullying também está muito presente em nossas escolas. Em 2000, Fante fez um estudo em uma escola da rede particular de ensino de uma cidade do interior paulista. Esse estudo contou com 430 alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e de 1ª e 2ª séries do ensino médio. Verificou-se que 81% desses alunos se envolveram em algum tipo de conduta violenta naquele ano letivo, considerando 41% casos de bullying, sendo que 18% eram alvos, 14% autores e 9% alvos-autores. Posteriormente, dirigiu outros estudos, identificando, também, um elevado número de alunos envolvidos em bullying.

Em alguns dos seus estudos, Fante também identificou a sala de aula como o lugar onde o bullying era mais frequente, seguido pelo pátio da escola. Os meninos estariam mais envolvidos em bullying do que as meninas, sendo que as estas utilizariam de agressões mais indiretas, como: difamação e exclusão.

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência nos anos de 2002 e 2003 realizou uma grande pesquisa sobre a incidência do bullying nas escolas. Esse estudo ocorreu na cidade do Rio de Janeiro com aproximadamente 5.500 alunos de 5ª a 8ª série do ensino fundamental. Os dados coletados demonstram que 40,5% dos alunos estavam envolvidos em atos de bullying, sendo 16,9% como alvos, 12,7% como autores e 10,9% ora como alvos, ora como autores (LOPES NETO, 2005).

Tognetta e Vinha (2008), após realizarem pesquisas sobre o bullying em escolas públicas e privadas na região metropolitana de Campinas, constataram uma maior incidência do bullying nas escolas da rede pública de ensino, mas que esta diferença é pouco significativa. Isso confirma que não é somente o meio social no qual as crianças vivem o causador do bullying. Infere-se que a experiência de se viver em ambiente violento influencia nas possibilidades de formação de futuras pessoas violentas, mas há outras causas envolvidas.

[...] Em outras palavras, não é o contexto que determina tais condutas agressivas, assim como não é a genética a grande vilã dessa história, e sim como esses meninos e meninas se vêem diante desse meio e constroem suas personalidades integrando tudo aquilo que foram valorizando durante suas vidas, podendo, assim, tornarem-se resilientes. Como se vêem e querem ser vistos, portanto, pode nos levar a explicar o porquê de se comportarem como vítimas e agressores. Expliquemos melhor essa afirmação em que os contextos e as necessidades individuais de busca de autoafirmação se entrelaçam (TOGNETTA; VINHA, 2008, p. 206).

CONCEITOS

É importante fazer algumas diferenciações entre os protagonistas do bullying, com o objetivo de entender quem são os envolvidos e as suas características, mesmo sabendo que, caso algum sujeito apresente estas características não quer dizer que necessariamente ele esteja envolvido no bullying, mas

são indicadores importantes que precisam ser observados com atenção. O alvo pode ser aquela criança (ou jovem) mais tímida, retraída, que tem dificuldade de se impor perante o grupo, com uma baixa autoestima, com tendência a se inferiorizar, que não é muito sociável, com dificuldade de se relacionar com pessoas da mesma idade, com aspecto físico mais frágil, vulnerável e que não consegue reagir às agressões sofridas.

Middelton-Moz e Zawadski (2007) chamam a atenção para o fato de que muitas crianças se culpam pela vitimização sofrida, por considerar que realmente são aquilo que dizem seus agressores e que, inclusive, outras pessoas também culpam o próprio alvo pela agressão sofrida. Olweus (2006) também faz uma ressalva importante ao afirmar que os desvios externos (ser muito baixo, obeso ou muito magro, por exemplo) não são as causas do bullying. O autor de bullying se instrumentaliza dessas “diferenças” para atormentar e perseguir seus alvos.

Fante (2005) também classifica os alvos em “vítima provocadora” e “vítima-agressora”, a primeira seria aquela que provoca e atrai reações negativas para si, reações com as quais não sabe lidar com eficiência, podendo ser hiperativa, inquieta, perturbadora. Já a vítima-agressora seria aquela que reproduz a violência sofrida contra outros, escolhendo um bode expiatório, alguém considerado por ela mais frágil e um potencial alvo. “Essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, fazendo com que o bullying se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas” (FANTE, 2005, p. 52).

O autor de bullying pode ser aquela criança que reproduz a violência sofrida em seu ambiente familiar ou na escola, vitimizando outras crianças, ou também crianças que não aprenderam outras formas de exercer uma liderança, de sentir-se valor sem para isso dominar, diminuir o outro, ou aquelas que simplesmente sentem prazer, orgulho ao agredir alguém inferiorizado por ela.

Comumente, as pessoas acreditam que o autor de bullying possui baixa autoestima, o que o leva a cometer tais atos. Por essa perspectiva, bastaria trabalhar para a melhoria da autoestima desse jovem para que tais situações diminuíssem. Contudo, estudos da psicologia moral defendem que, não raro, o autor possui uma boa autoestima. Como reflete La Taille, 2002, p. 23:

De fato, pode perfeitamente acontecer de uma pessoa ter orgulho de ser violenta porque, entre os valores que fazem parte de suas representações de si, o ser dominante, o ser fisicamente forte, o ser destemido são valores centrais. Também pode acontecer de pessoas serem violentas porque, para elas, fazer uso instrumental dos outros é condição para realizarem e manterem representações de si como ser bem-sucedido, ser famoso, ter glória, etc. Nos dois casos, agir de forma violenta não traz vergonha; pelo contrário, como dissemos, traz orgulho. Vê-se que, nessa abordagem, a violência não é decorrência de falta de regras ou ausência de projetos de vida: ela é decorrência dos valores presentes na construção da identidade.

Olweus (2006) defende a tese de que alunos autores que praticam o bullying têm mais chances de, no futuro, se tornarem delinquentes, com problemas de conduta e de alcoolismo. Como esclarece o autor:

Em meus estudos também temos encontrado provas substanciais de importância que confirmam esta hipótese. Em torno de 60% dos meninos definidos como agressores nas séries 6^a a 9^a, aos 24 anos haviam recebido uma sentença de culpabilidade, no mínimo. E o que é mais sério até 35% - 40% dos antigos agressores haviam sido declarados culpados em três ou mais acusações nessa idade, enquanto isso os meninos do grupo de controle (os que não eram nem agressores e nem vítimas nas séries 6^a a 9^a) somente se dava esta circunstância em 10%. Assim, quem assediava e intimidava na escola, quando jovens adultos multiplicavam em 4 o grau de delinquência relativamente séria e reiterada, segundo contava nos informes oficiais correspondentes (OLWEUS, 2006, p. 55).³

Por fim, o espectador é aquele sujeito que assiste as ações de bullying, mas não participa diretamente das mesmas, nem como autor e nem como alvo.

³ Tradução nossa.

Pode ser uma criança que, por medo de represálias ou por não querer se envolver, não denuncia os atos de bullying. O silêncio também pode ser uma estratégia de autodefesa, para não ser um próximo alvo, podendo sentir-se indignada, mas ter sua reação paralisada por medo ou mais sério ainda, por faltar-lhe o sentimento de indignação pelo sofrimento alheio (TOGNETTA; VINHA, 2008). E isso faz com que pensemos na ausência de um olhar para o outro, do se colocar no lugar do outro ou também pela ausência da percepção que um direito foi ferido, que houve uma injustiça.

Para os sujeitos envolvidos em bullying, as consequências podem ser muito danosas, chegando ao ponto de alunos (alvos) não quererem mais frequentar a escola, ficarem adoecidos e, em situações mais drásticas, chegarem ao ponto de optarem pelo suicídio, para não mais viverem as situações de humilhação, perseguição, amedrontamento, causadas pelo bullying. O alvo pode apresentar sintomas, doenças, que refletem seu sofrimento e/ou uma reação física com o objetivo de tentar evitar as contínuas situações de violência, por exemplo: dores de cabeça, dores musculares, náuseas, sudorese, transtornos alimentares, entre muitos outros (FANTE, 2005).

Em relação aos autores, as consequências também podem ser prejudiciais no sentido de não saberem lidar com situações de conflito, de serem pessoas sem limites em suas ações, que se utilizam de algum tipo de violência para conseguir algo, podendo inclusive não conseguir no futuro ter bons relacionamentos conjugais, no trabalho e na família. Já os espectadores, podem desenvolver alguns traumas psicológicos, afinal, muitos deles gostariam de fazer algo, mas não denunciam as agressões por medo de represálias, por temerem ser o próximo alvo e por frequentar um ambiente muitas vezes não seguro, sentindo-se culpados por nada fazerem.

DIFERENTES TIPOS DE CONFLITOS

Muitos profissionais da educação ainda não conseguem diferenciar o bullying de outras formas de conflitos ou de violência. Acreditam que situações de bullying são apenas atitudes de indisciplina, incivilidade, até mesmo “brincadeiras entre colegas”. Isso acaba prejudicando, e muito, os envolvidos, afinal, nem sempre as intervenções realizadas pelos educadores, os auxiliam a enfrentarem essa situação. Como foi visto, o bullying é determinado por ações agressivas frequentes, com intencionalidade de causar danos, sem uma motivação aparente, numa relação em que há desequilíbrio de poder, tendo sempre uma dimensão negativa, pois causa malefícios aos envolvidos. Neste tipo de conflito há sempre a figura do espectador para que o autor mantenha uma imagem (um ideal de força, superioridade) perante os outros.

Tanto os autores, os alvos como os espectadores precisam de boas intervenções que os ajudem a lidar com os conflitos, reconhecendo as perspectivas envolvidas, coordenando-as em ações, procurando empregar estratégias mais justas, cooperativas e respeitosas.

Questões de indisciplina, incivilidade e conflitos, de modo geral, devem sempre ser trabalhadas, discutidas no ambiente escolar, necessitando de ações de acordo com o tipo de conflito, para o bullying há que se ter também uma grande atenção, pois os prejuízos causados podem ser permanentes e os atos gerados por ele, extremos. Ainda mais por ter uma “percepção dificultada”, por ser uma violência mais velada, as agressões realizadas não são, em sua maioria, percebidas pelo educador, sendo que, o alvo se sente incapaz de se defender, além de ter dificuldades para conseguir com que outro aja em sua defesa.

Não podemos esquecer que a escola é uma instituição responsável por dar condições de desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional, social para o sujeito e, para tanto, ela deve ser um lugar seguro, agradável, de convivência pacífica. Os conflitos fazem parte do cotidiano não só da escola, mas de todas

as relações interpessoais, mas eles precisam ser trabalhados de maneira que contribuam para o desenvolvimento psicossocial do indivíduo e para não se transformarem em situações tão degradantes como, o bullying.

O grande problema é que por um outro lado, a conduta de bullying, enquanto conflito, é um perigo à estima de si, ou seja, ao valor que nos damos: quem sofre bullying tem uma grave alteração na estima que tem de si mesmo, ou do valor que se atribui tanto para baixa-estima como para alta, como não reconhecer em si um valor ou que os outros também precisam ser valorizados. A grande diferença entre bullying e um conflito normal ou cotidiano, é que o primeiro seria um conflito somado à agressão, o que o torna doloroso demais e por isso a seriedade do assunto. Quem agride – o agressor – e quem sofre a agressão estão envolvidos neste embate e na maioria das vezes, um dos grandes envolvidos cujas perdas são mais sentidas é quem sofre o bullying, visto que se sente perseguido, humilhado e intimidado (TOGNETTA, 2005a, p. 14).

Os conflitos, inclusive, podem ser momentos de aprendizado e desenvolvimento, posto que, é nas relações sociais que aprendemos a reconhecer o outro, compreender o valor de si e do outro, o respeito-mútuo. Todavia, não é essa a visão geralmente encontrada entre os educadores da escola. Os conflitos são vistos como algo antinatural, negativos e em decorrência deste paradigma, os educadores se valem de intervenções que acabam por evitá-los, contê-los, ou simplesmente os ignora, o que pode dificultar a aprendizagem e manter a heteronomia. (VINHA, 2003).

Na heteronomia, o seguir valores morais depende do outro e de fatores externos, o sujeito respeita o adulto porque ele exerce uma autoridade sobre ele, muitas vezes obedece a regras sem ao menos entendê-las e a ação de seguir valores e regras morais acaba sendo circunstancial, ou seja, depende das situações e das pressões existentes. Assim, os valores morais dependem de fatores externos; em determinado contexto segue um valor moral e em outro não, existe um sentimento de obrigatoriedade, mas é fraco, acaba condicionado de acordo com as circunstâncias. O seguir ou não as regras ainda está

muito centrado no indivíduo, não conseguindo contrapor diferentes pontos de vista. (VINHA, 2003; LA TAILLE, 2006).

Na autonomia, por sua vez, está presente a ideia de respeito mútuo, relações de cooperação promovidas pela prática da reciprocidade (MENIN, 2007). Desse modo:

Diferente é o quadro do sujeito moralmente autônomo. Ele também é inspirado pelo sentimento de obrigatoriedade, mas elege a equidade e a reciprocidade como princípios de seus juízos e ações morais. Nesse sentido, ele concebe a moral não como regras e princípios que regem apenas e essencialmente as relações entre membros de uma determinada sociedade, mas sim as relações entre todos os seres humanos, sejam eles pertencentes ou não à sua comunidade. Ademais, podemos dizer que provavelmente vê a si próprio como um representante da humanidade (e não de um determinado grupo social) cujas representações de si estão associadas a valores que transcendem aqueles de sua comunidade. No caso do sujeito moralmente autônomo, a expansão de si é procurada para além das fronteiras comunitárias, para além das pautas culturais dadas de antemão. Assim como a autonomia moral pressupõe uma descentração cognitiva – tomar recuo em relação às regras impostas e avaliar seus valores –, ela certamente também implica uma descentração afetiva: procurar expandir a si próprio para além dos valores dominantes em determinado lugar e época, procurar o que há de universal a diversas culturas, ver-se antes “humano” do que representante de uma cultura dada (LA TAILLE, 2006, p. 59).

Na autonomia há uma autorregulação, há uma compreensão das regras, não se segue valores morais somente quando os outros seguem, mas sim em qualquer situação. Assim, a autonomia é uma superação da heteronomia (VINHA, 2003, 2009).

Numa visão construtivista, conflitos interpessoais são oportunidades para se trabalhar valores, regras, reconhecer diferentes pontos de vista e buscar soluções mais justas e respeitadas para todos. A ênfase é no processo que devem refletir os princípios que se pretende que sejam assimilados pelos alunos em longo prazo. Fazendo parte do currículo escolar, o trabalho com conflitos e a sua resolução, não seria visto como um problema a ser administrado. Assim,

é necessário um conhecimento das diferenças entre conflitos de indisciplina, incivildade, agressividade e de bullying, para compreender melhor a natureza e a extensão de cada fenômeno, possibilitando interferências pedagógicas mais construtivistas e coerentes.

São atos de violência, ações físicas e não físicas, que por meio do uso da forma acarretam um constrangimento físico e moral (Guimarães, 1996), tais como: agressões físicas, ofensas, preconceitos, discriminações, humilhações, depredações. Nas relações sociais, a violência pode ocorrer de diversas formas, inclusive, muitas vezes, de maneira despercebida, como forma de opressão e repressão.

Todavia, como esclarece La Taille (2002, p. 23), não necessariamente a violência resulta num prejuízo a alguém:

[...] Seguindo uma definição ampla, pode-se chamar de violento todo e qualquer ato que coage a liberdade de outrem. Ora, assim definida, verifica-se imediatamente que a violência é inevitável e nem sempre má. Por exemplo, quando obrigamos uma criança reticente a escovar os dentes ou ir à escola, estamos coagindo sua liberdade, mas para o seu próprio bem. E quando a moral diz que não devemos matar, ela também coage ou, como diz Freud, reprime. Logo, em seu sentido amplo, a violência não é necessariamente negativa e, portanto, não se opõe à idéia de paz. [...] Podemos dizer que a pessoa que age violentamente transforma outrem em meio para atingir seus próprios fins. Trata-se de um emprego instrumental das pessoas, o qual nunca é pacífico.

Assim, podemos dizer que a violência está sempre presente, o problema está no momento em que a violência é utilizada para beneficiar algo ou alguém, ocasionando danos ao outro. Não raro, atitudes de incivildade são confundidas com ações violentas. De acordo com Tognetta (2005b), a incivildade seria um ato contra a civilidade, por exemplo: descortesia. Um ato de incivildade não seria, necessariamente, um ato de violência, pois nem sempre o emprego de força está presente.

Faz parte da dimensão humana a agressividade e nem sempre ela é negativa. O problema é quando não conseguimos canalizá-la e exteriorizamos essa agressividade, fruto muitas vezes das nossas frustrações, agindo de forma violenta contra alguém.

A agressividade enquanto um sentimento natural é como outros sentimentos primários: a alegria, a dor, a raiva, a curiosidade, o medo e, portanto, em si, não é boa e nem ruim. Toda pessoa é agressiva, pois esta é uma tendência primária do ser humano. No entanto, algo que nos preocupa é que a ausência de controle pode levar ao ato violento (TOGNETTA, 2005b, p. 111).

A indisciplina é o conflito com a autoridade, com as regras, com o sistema. Seria a recusa em seguir determinadas normas de convivência, descumprir uma ordem ou dever, de forma repetida e contínua (AVILÉS, 2003). É importante ressaltar que, muitas vezes, a indisciplina pode ser uma estratégia utilizada pelo estudante como uma negação a se submeter a aulas desinteressantes, desestimulantes, sem sentido (La Taille, 1996). Também, nem sempre, a obediência a uma regra, a uma norma, quer dizer a aceitação interior dela. Assim, a indisciplina pode envolver questões de autoridade, por exemplo, um aluno não seguir uma ordem ou regra ditada por um professor. Mesmo que o aluno acredite ser uma regra desnecessária ou injusta, sua atitude poderá ser considerada indisciplina.

Os problemas de indisciplina, frequentemente, não passam despercebidos pela escola, ao contrário do bullying, porque na indisciplina há uma relação direta com a autoridade (dos professores, educadores). Muitas vezes, os conflitos entre o adulto e a criança são vistos como graves e os conflitos entre os pares são considerados de menor importância. Assim, os educadores não se empenham em ajudar os envolvidos em bullying, por acreditarem que são “coisas da idade” e por não estarem diretamente atingidos. Portanto, nos casos de desrespeito ao professor, quando a “autoridade” do adulto é desafiada, providências rapidamente são tomadas para que tal fato não mais ocorra. Essa ati-

tude do professor acaba por demonstrar que uns merecem respeito e outros não. Ao ignorar os conflitos, o educador perde a oportunidade de trabalhar valores, princípios e regras, acabando por não beneficiar para o desenvolvimento moral do aluno. Uma pesquisa realizada por Leme (2006) evidenciou esse fato, os professores consideram mais graves os conflitos que os envolve, como a indisciplina, e menos graves os conflitos entre pares.

Sem se dar conta das consequências, os educadores deixam essas crianças e jovens à própria sorte ao ser bem mais condescendentes quando o conflito ocorre entre os pares. Com isso, transmitem a mensagem subliminar que o respeito e a justiça devem ser dedicados às autoridades e não a qualquer ser humano. Essa atitude resulta em um ambiente propício para a ocorrência de situações de bullying, de cyberbullying, de maus tratos ou de intimidações entre eles (VINHA, 2009c).

Os alvos de bullying, na maioria das vezes, não sentem segurança em falar sobre o que ocorre com eles para os professores e para seus familiares. Acabam lidando com a situação sozinhos, por medo de não terem seus sentimentos reconhecidos, de acabar piorando a situação em que vivem, por vergonha e ou por achar que em nada vai resolver contar para os seus pais e professores.

Avilés e Monjas (2005), em concordância com essa afirmação, chamam a atenção para o fato de que os envolvidos em bullying, na maioria dos casos, não recorrem a um adulto para buscar ajuda. Em geral, a maior parte dos alvos conta a um amigo (43,1%), apenas 29,31% conta aos pais, 17,24% não comunicam para ninguém e somente 10,34% falam para um professor, e quanto mais avançada a idade dos alvos, menos eles informam ao professor.

Podemos considerar que a não possibilidade de se trabalhar os conflitos na escola fazem com os sujeitos não aprendam formas mais assertivas de lidarem com seus conflitos. Estudos que investigam as forma de resolução de conflitos empregada pelos jovens (LEME, 2004, 2006; VICENTIN, 2008; CARINA, 2008), afirmam que eles utilizam estratégias mais submissas, como:

se esquivar dos problemas, evitar embates, levando mais em conta os interesses e direitos dos outros do que os próprios, para não criarem situações de conflito. Em seguida, a estratégia agressiva é a mais empregada, como uma alternativa extrema de resolução de conflitos por meio do embate de forças. A estratégia assertiva, que é a busca de uma resolução que beneficie ambas as partes, que seja mais justa para os envolvidos e que requer uma maior reflexão e diálogo, é a menos utilizada pelos jovens.

Enquanto para o alvo há a necessidade de se sentir valor e não se deixar mais ser alvo de bullying, para o espectador é necessária a compreensão de que ele também contribui para que o bullying ocorra, na medida em que é passivo diante dos maus tratos. Já o autor precisa tomar consciência do sofrimento que causa em seu alvo e aprender outras formas de liderança, de se sentir valor sem diminuir outro. Como esclarece Tognetta e Vinha (2008, p. 204):

[...] o autor de bullying, também precisará de grande ajuda porque também é um sofredor. Geralmente, o comportamento de intimidação e provocação constante esconde alguém amargo, que aprendeu a resolver seus problemas de falta de valor a si mesmo buscando rebaixar os outros. Esconde também outra dificuldade: acha que todos devem atender a seus desejos de imediato e não consegue, do ponto de vista psicológico, sair de si e colocar-se no lugar do outro. É alguém que, para se defender, ataca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que atualmente é muito comum haver uma generalização ao falar de bullying, como se todos nós um dia já sofrermos ou iremos passar por esse tipo de situação, devemos lembrar sempre que, o bullying denota várias características que o identificam e o fato de termos vivido situações como: exclusão, difamação, humilhação e o apelido como forma de denegrir, não necessariamente nos colocam como alvos de bullying, mesmo que essas agressões nos tenham causado ou nos causem algum tipo de prejuízo e

nem por isso, deixam de ser negativas e desrespeitosas. Portanto, é essencial pensarmos nas características do bullying, porque com uma excessiva generalização pode resultar numa desqualificação de algo que é tão grave.

Apesar dos estudos sobre o bullying no Brasil serem recentes, a boa notícia é que no período de 2000 a 2006, segundo Neme et al (2008), está havendo um aumento do interesse pelo estudo do bullying e de suas consequências, bem como da importância dada nas novas pesquisas às propostas de intervenções e avaliações para a prevenção e erradicação do bullying. Todavia, mesmo com o crescente interesse e estudo sobre o bullying, considera-se que há uma carência de pesquisas na área, principalmente relacionadas com as famílias dos envolvidos e aos resultados das intervenções nas escolas.

Segundo os autores:

Concluiu-se pela relevância de estudos sobre bullying nas áreas da saúde e educação, além da necessidade de maior número de pesquisas elucidando os fatores de risco e mecanismos de proteção para a redução de danos psicossociais nas vítimas. Sugere-se a realização de estudos sobre o papel dos pais diante do comportamento de bullying e/ou vitimização de seus filhos e a realização e avaliação de intervenções profissionais sistematizadas nos vários contextos sociais em que o bullying se manifesta (NEME et al, 2008).

O aumento pelo interesse em conhecer, estudar, pesquisar o fenômeno vem contribuir para as possibilidades de se trabalhar a questão do bullying, com o objetivo da conscientização dos danos causados por ele, bem como, para a necessidade de se trabalhar valores como o respeito-mútuo e pensar o conflito como oportunidade de aprendizado e desenvolvimento, visando à construção da identidade do sujeito. Para que a escola, a família e a comunidade possam intervir nos casos de bullying e evite situações como a vivida por Casey, que após passar três anos sendo alvo de bullying e que sem encontrar alternativas e apoio, não vê outra estratégia do que a agressão física para romper com seu sofrimento e acaba ao mesmo tempo mostrando a conquista de conseguir se

defender, mas com a infelicidade de não ter encontrado outra forma para tanto; mostrar e propor alternativas, estratégias e intervenções cabem aos educadores.

[...] E, embora eu não possa prová-lo, acredito muito na hipótese de que hoje há muitas pessoas, notadamente jovens, uma associação positiva entre identidade e violência e, por conseguinte, um sentimento de vergonha associado a atitudes pacíficas. Se realmente for o caso, programas de educação para a paz não podem deixar de levar em conta essa variável, sobretudo trabalhando, de maneira aprofundada, o sentido da virtude coragem, tão facilmente associada à violência (LATAILLE, 2002a, p. 23).

Pode-se perceber, em síntese, que conhecer as características do bullying, assim como sua abrangência, são fundamentais para o educador que, mais do que boas intervenções, almeja efetivamente favorecer a formação de pessoas mais éticas, ou seja, mais justas, respeitosas e generosas.

REFERÊNCIAS

AVILÉS, J. M. M. **Bullying**: intimidación y maltrato entre el alumnado. Bilbao: Stee-Ellas, 2003.

AVILÉS, J. M. M.; MONJAS, I. C. Estudio de incidencia de la intimidación y el maltrato entre iguales en la educación secundaria obligatoria mediante el cuestionario CIMEI. **Anales de Psicología**, v. 21, n. 1, p. 27-41, 2005.

CARINA, S. C. **O processo de resolução de conflitos entre os pré-adolescentes**: O Olhar do professor. Tese de Doutorado (Faculdade de Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

GUIMARÃES, A. M. Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. (Org). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas: São Paulo: Summus, 1996. p. 73-82.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. Dimensões psicológicas da violência. **Revista Pátio**, Ano VI, n. 21, p. 21-23, 2002.

_____. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas: São Paulo: Summus, 1996, p. 9-24.

LEME, M. I. S. Educação: o rompimento possível do círculo vicioso da violência. In: MALUF, M. R. (Org.). **Psicologia Educacional: questões contemporâneas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 163-185.

_____. **Convivência, conflitos e educação nas escolas de São Paulo**. São Paulo: ISME, 2006.

LOPES NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Revista Sociedade Brasileira de Pediatria**, 2005.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. L.; **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Traduzido por Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MENIN, M. S. S. Escola e Educação Moral. In: MONTOYA, A. O. D. (Org.) **Psicologia da Educação: Desafios e Avanços**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

NEME, C. M. B.; MELLO, L. C.; GAZZOLA, R. A.; JUSTI, M. M. **Fenômeno bullying**: análise de pesquisas em Psicologia publicadas no período de 2000 a 2006. MOREIRA JR., 2008.

OLWEUS, D. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. 3 ed. Traducido por Roc Filella. Madrid: Morata, 2006.

TOGNETTA, L. R. P. Violência Na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In: PONTES, A.; DE LIMA, V. S. (Org.). **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre: Zouk, 2005a, p. 11-32.

_____. **O mapa do problema escolar**: quando a cidadania parece não ser possível. In: Anais do XXII Encontro Nacional de Professores do PROEPRE. Águas de Lindóia, 2005b.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Estamos em conflito: Eu, Comigo e com Você! Uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In: CUNHA, J.

L.; DANI, L. S. C. (Orgs.). **Escola, conflitos e violência**. Santa Maria: UFSM, 2008, p. 199-246.

VICENTIN, V. **Condições de vida e estilos de resolução de conflitos entre adolescentes**. Tese de Doutorado, (Instituto de Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

VINHA, T. P. **A construção da autonomia. Coleção DVDs Conflitos na Escola**. São Paulo: Atta mídia e educação, 2009.

Caso Casey Heynes: o bullying e a omissão da escola. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/caso-casey-heynes-bullying-omissao-escola-622917.shtml>. Acessado em: 26 mar. de 2011